

Cartografia da doença e da morte no Brasil da covid-19

Cartografía de la enfermedad y de la muerte en el Brasil del COVID-19

Cartography of illness and death in Brazil in the context of COVID-19

AUTOR

José Vicente
Tavares dos
Santos*

josevtavares@gmail.com

* Professor do programa de pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Brasil).

Matta, G. C., Rego, S., Souto, E. P., & Segata, J. (Orgs.) (2021). *Os impactos sociais da covid -19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ. Recuperado de <https://books.scielo.org/id/r3hc2>.

RESUMO:

O objetivo deste livro - *Os impactos sociais da covid -19 no Brasil* - foi refletir e agir sobre os efeitos da pandemia de covid-19, não somente acerca dos processos de saúde e de doença, mas também sobre os efeitos da pandemia nas dimensões sociais de raça, gênero, classe social, sexualidade, territórios e dinâmica econômica. Obra oportuna e necessária, de acesso aberto, em um contexto de divulgação de informações falsas a nível planetário. Trata-se de uma importante contribuição ao mundo da pós-pandemia que nos legam esses cientistas.

RESUMEN:

El objetivo de este libro - *Os impactos sociais da covid -19 no Brasil* - fue reflexionar y actuar sobre los efectos de la pandemia COVID-19, no solo sobre los procesos de salud y enfermedad, sino también sobre los efectos de la pandemia en el dimensiones sociales de raza, género, clase social, sexualidad, territorios y dinámica económica. Trabajo oportuno y necesario, de acceso abierto, en un contexto de difusión de información falsa a nivel planetario. Esta es una contribución importante al mundo post pandémico que estos científicos nos legaron.

ABSTRACT:

The aim of this book - *Os impactos sociais da covid -19 no Brasil* - was to reflect and act on the effects of the COVID-19 pandemic, not only on the health and disease processes, but also on the effects of the pandemic on the social dimensions of race, gender, social class, sexuality, territories, and economic dynamics. Timely and necessary work, in open access, in a context of dissemination of false information at a planetary level. This is an important contribution to the post-pandemic world that these scientists bequeath to us.

1. Introdução

A publicação *Os impactos sociais da covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*, organizada por Gustavo Corrêa Matta, Sergio Rego, Ester Paiva Souto e Jean Segata, apresenta um enorme acervo de pesquisas, salientando tanto a doença quanto seus efeitos sociais. Chegamos, em 10 de novembro de 2021, a 21.911.382 casos e a 610.080 mortes, bem como à cifra de 122.487.005 pessoas vacinadas (Folha de São Paulo, 2021). Este livro pode ser sintetizado nos principais elementos, observáveis na nuvem das 30 principais palavras (cf. NVIVO).

O objetivo do livro foi refletir e agir sobre os efeitos da pandemia de covid-19, não somente acerca dos processos de saúde e de doença, mas também sobre os efeitos daquela nas dimensões sociais de raça, gênero, classe social, sexualidade, territórios e dinâmica econômica. Obra oportuna e necessária, de acesso aberto, em um contexto de divulgação de informações falsas a nível planetário. Salientam os organizadores:

A colocação em cena da Covid-19 em diferentes contextos, espaços e linguagens, especialmente em situações de extrema desigualdade socio sanitária, expõe a multiplicidade e especificidade do fenômeno pandêmico desde sua dimensão macrossocial até a capilaridade micropolítica nas formas e estratégias de produção do cotidiano (Matta, Rego, Souto, & Segata, 2021, p. 15).

O volume congrega pesquisadores e especialistas, em um total de 68 autores, das mais diversas áreas da saúde, incluindo antropologia, bioética, história, medicina, comunicação, ciência política, psicologia, relações internacionais, políticas públicas, entre outras. Eles apresentam contribuições diversificadas, debruçando-se, em especial, sobre as populações vulnerabilizadas do Brasil diante da emergência global.

O livro foi dividido em três partes: “Ciências sociais, humanidades e a pandemia de covid-19”; “Narrativas sobre populações vulnerabilizadas”; e “Ciência, tecnologia e comunicação”. Na Parte I - “Ciências sociais, humanidades e a pandemia de covid-19” - constam os seguintes capítulos: “Notas sobre a trajetória da Covid-19 no Brasil”; “Narrativas de grupos de risco”; “A pesquisa francesa em ciências humanas e sociais para a análise internacional da pandemia”; “Bioética e covid-19”; “Vulnerabilidades e saúde pública”; e “A indústria da carne e outras doenças do capitalismo”.

Na Parte II - “Narrativas sobre populações vulnerabilizadas” - destacam-se as análises sobre as camadas vulneráveis da sociedade brasileira: nas favelas; nos povos indígenas; a participação indígena e os obstáculos ao enfrentamento da pandemia; a gestão da velhice; leituras de gênero; narrativas sobre a covid-19 na vida de mulheres quilombolas; mulheres, violências e a pandemia. Foi traçada toda uma cartografia das desigualdades.

Na Parte III - “Ciência, tecnologia e comunicação” - destacam as análises sobre a Fiocruz no tempo presente: “Ciência, saúde e sociedade no enfrentamento da pandemia de

PALAVRAS-CHAVE

Covid-19; Brasil; saúde; pós-pandemia.

PALABRAS CLAVE

COVID-19; Brasil; salud; post-pandemia.

KEYWORDS

COVID-19; Brazil; health; post-pandemic.



covid-19”; a “Conexão Saúde no enfrentamento da pandemia”; e o “Covid-19 nas mídias: medo e confiança em tempos de pandemia”.

Assumem destaque no livro as personagens vulnerabilizadas:

É nessa perspectiva que os vulnerabilizados se apresentam como o grupo de risco definitivamente penalizado pela pandemia. Têm sido definidos grupos e indivíduos vulneráveis à Covid-19 idosos, pessoas portadoras de doenças crônicas como hipertensão e diabetes, obesidade, entre outros – as principais preocupações de saúde pública em países europeus. Porém, a dinâmica da vulnerabilização-proteção populacional se configura de forma diversa em países e regiões, em decorrência das iniquidades socioeconômicas e do escopo e organização dos sistemas de saúde locais (Matta *et al.*, 2021, p. 44).

Ressaltaram as enormes dificuldades de se aquilatar o efetivo impacto da pandemia nas populações faveladas, indicando a vigilância epistemológica necessária:

Ao longo do trabalho, quatro pontos têm merecido atenção e destaque no esforço coletivo de reflexão sobre os impactos da pandemia nas favelas: a questão dos dados epidemiológicos sobre a pandemia; a necessidade de complexificar a cartografia das favelas e das periferias urbanas, logo, da cidade; as ações de mobilização e solidariedade para o enfrentamento da pandemia e o enquadramento da questão da favela como uma questão social (Matta *et al.*, 2021, p. 117).

Dentre os grupos de riscos, avolumam-se os impactos entre os indígenas e as mulheres. Os indígenas souberam montar estratégias de autoproteção,

como o isolamento voluntário, a redução da circulação de pessoas das aldeias para os centros urbanos, a produção e disseminação de materiais educativos e a organização de campanhas para garantir a segurança alimentar das famílias indígenas. Essas ações são entendidas como complementares às medidas governamentais, que devem garantir o direito à saúde dos povos indígenas (Matta *et al.*, 2021, p. 124).

Entretanto, foram, registradas taxas de mortalidade superiores em pelo menos 50% nos indígenas em praticamente todas as faixas etárias (Matta *et al.*, 2021, p. 129). Outro grupo de risco muito atingido foram as mulheres:

As epidemias revelam como os processos de saúde, doença e cuidado são heterogêneos e seus efeitos incrementam desigualdades sociais. Apesar de trinta anos de construção e aprimoramento do Sistema Único de Saúde, o processo de desmonte de políticas públicas amplia injustiças que incidem sobre diferentes segmentos da população – negros, indígenas, sem-terra e sem-teto, quilombolas, assim como os grupos LGBTQ+, entre outros – cujas vidas são precarizadas sob a ordem capitalista neoliberal, colonial e patriarcal. Em cada um desses grupos, são as mulheres, em suas diferentes faixas etárias, as que são desproporcionalmente mais atingidas pelos efeitos sociais da pandemia (Matta *et al.*, 2021, p. 166).

Em termos gerais, houve um acréscimo de denúncias de violência doméstica, o que revelou uma endemia:

A violência contra as mulheres (doravante VCM) não é, por certo, fruto do isolamento social, mas de uma estrutura patriarcal que faz com que as mulheres sejam submetidas a sucessivas violações de direitos humanos, simplesmente pelo fato de serem mulheres. Além disso, é um fenômeno multidimensional, se articula sobretudo como um problema de saúde pública e de dimensão mundial (Matta *et al.*, 2021, p. 181).

Os habitantes em situação de pobreza chegaram a 14 milhões de pessoas. Também a população de rua foi vítima da COVID. Estima-se que seu número chegou a 220.000 pessoas, em situações de extrema pobreza, alvo de muitas discriminações:

Além desses aspectos, que acabam por aprofundar o abismo social experienciado pela população em situação de rua, destaca-se também a dificuldade – ou mesmo a impossibilidade – de adesão às medidas de distanciamento social e higiene recomendadas para prevenir a infecção pelo novo corona vírus, visto que esse grupo populacional não tem moradia ou depende de residências provisórias coletivas, o que aumenta a sua vulnerabilidade. Claramente, ter a rua como moradia expõe a uma série de circunstâncias propiciadoras de adoecimento (Matta *et al.*, 2021, p. 99).

Face a esta pandemia, reveladora de outras tantas endemias de sofrimento humano, houve uma rápida resposta de universidades e de instituições de saúde pública - como o Instituto Butantã, de São Paulo e a Fiocruz, no Rio de Janeiro - no sentido de prover recursos humanos, materiais e de pesquisa, colaborando com o Sistema Único de Saúde (SUS), o qual data de 1990.

A qualidade e a pertinência do trabalho de pesquisa dessas instituições são uma antecipação da universidade do futuro: partimos de uma concepção criativa e dinâmica da universidade enquanto centro de formação de recursos humanos qualificados e de cidadãos conscientes, núcleo de produção de conhecimento pela atividade regular de pesquisa e polo irradiador de novos saberes para a sociedade em seu conjunto. A universidade precisa combinar audácia administrativa e ações empreendedoras, compatibilizando eficiência com a participação social. A universidade do futuro precisa desenvolver uma cultura institucional cujos valores centrais venham a ser a solidariedade, a participação, a transparência e o respeito à diferença, com o reconhecimento de que temos que honrar o trabalho daqueles que nos antecederam. Começar a autonomia da universidade pública é desencadear um largo processo de discussão acerca das possibilidades de auto-organização, da eleição de dirigentes, da mudança da cultura organizacional e da definição de uma nova filosofia universitária, em um contexto de pluralismo teórico-metodológico, de interdisciplinaridade e de interculturalismo, no horizonte de uma internacionalização da instituição. Mais do que nunca, a universidade pública precisa preservar o exercício da liberdade acadêmica e da criatividade intelectual. Trata-se de amplitude de visão e da audácia de orientá-la para o futuro, a fim de produzir, pela investigação sistemática e crítica, modos de pensar e de imaginar uma nova sociedade e uma nova universidade (Santos, 2020).

Ao cabo dessa obra, concluem, com agudeza, os organizadores, por um elogio da interdisciplinaridade:

Os desafios colocados pela pandemia de Covid-19 impõem a necessidade de reimaginar as ciências sociais e humanidades em perspectiva interdisciplinar e suas possibilidades de ação nos contextos, espaços e dinâmicas de países e populações marcados pelas iniquidades na ciência, na saúde e na proteção social. O mundo pós-pandemia está em disputa e as ciências sociais têm um papel fundamental na redescrição da história da humanidade (Matta *et al.*, 2021, p. 22).

Os últimos dados apontam que «o país chegou a 673.659 vidas perdidas e a 32.893.264 infectados pelo Sars-CoV-2 desde o início da pandemia. (...) Ao todo, 179.363.035 pessoas receberam pelo menos a primeira dose de uma vacina contra a Covid no Brasil. Somadas as doses únicas da vacina da Janssen contra a Covid, já são 168.031.474 pessoas com as duas doses ou com uma dose da vacina da Janssen. Assim, o país já tem 83,49% da população com a 1ª dose e 78,22% dos brasileiros com as duas doses ou uma dose da vacina da Janssen¹.

Em um momento de intenso negacionismo da ciência no Brasil, trata-se de uma importante contribuição ao mundo da pós-pandemia que nos legam esses cientistas.

NOTAS

¹ Folha de São Paulo, 10.jul.2022. “Brasil registra 45 mortes e 19,2 mil casos de Covid » <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/07/brasil-registra-45-mortes-e-192-mil-casos-de-covid.shtml>, Acesso em 21 de julho de 2022. «Os dados do país, coletados até 20h, são fruto de colaboração entre Folha, UOL, O Estado de S. Paulo, Extra, O Globo e G1 para reunir e divulgar os números relativos à pandemia do coronavírus. As informações são recolhidas pelo consórcio de veículos de imprensa diariamente com as Secretarias de Saúde estaduais. A iniciativa do consórcio de veículos de imprensa ocorreu em resposta às atitudes do governo Jair Bolsonaro (PL), que ameaçou sonegar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Folha de São Paulo, 10 de julho de 2022. “Brasil registra 45 mortes e 19,2 mil casos de Covid » <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/07/brasil-registra-45-mortes-e-192-mil-casos-de-covid.shtml>, Acesso em 21 de julho de 2022.

Matta, G. C., Rego, S., Souto, E. P., & Segata, J. (Orgs.) (2021). *Os impactos sociais da covid -19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ. Recuperado de <https://books.scielo.org/id/r3hc2>.

Tavares-dos-Santos, José Vicente (Ed.). (2020). *A universidade do futuro*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.